



***Percurso a Serra do Pereiro***





É em torno da portentosa Serra do Pereiro que decorre este percurso. Sem tempos cronometrados, partimos da sede do concelho, Sernancelhe, à descoberta dos recantos que a serra guarda religiosamente, ou não fosse esta uma montanha povoada de pequenas capelas e santuários.

Seguindo pela Estrada Nacional 229, encontramos-nos, dois quilómetros adiante, na freguesia de **Sarzeda**. Irmãos no sofrimento, humildes no estilo de vida, os habitantes desta aldeia são hoje conhecidos pelo forte espírito comunitário que os une. Diz-se que o melhor que esta gente tem é que gosta de bem receber e, por isso, coloca na mesa pão, salpicão, presunto e vinho com fartura. Vencedora de vários concursos anuais de castanha, Sarzeda tira partido do solo ímpar que possui e faz da agricultura complemento económico. Subindo ao ponto mais alto, ao monte de **Santa Bárbara**, avistam-se os frondosos sotos, os palheiros nas eiras, as mimosas, os linhares e as vinhas. Dentro da povoação, pode contemplar-se a capela de **S. Sebastião** e a Igreja Matriz, levantada no século XVII por influência da Ordem de Malta.

Muito ligada aos ofícios, onde pontuam a madeira, o mármore e o granito, Sarzeda guarda ainda alguns







vestígios da antiguidade, como é o caso das sepulturas antropomórficas escavadas em rochedos no sítio dos Lameirões e no Pocelo. À freguesia de Sarzeda pertence a localidade de **Seixo**. Fica desviada, para norte, alguns quilómetros. A igreja matriz dedicada a **Santa Maria Madalena**, trasladada para lugar mais aprazível,



merece uma visita. As gentes, tal como as de Sarzeda, são aguerridas mas hospitaleiras. O povo tem ar meigo, a rusticidade é uma constante, assim como os enormes penedos que brotam da serra como cogumelos.

Regressamos à Sarzeda, tomamos o sentido de Guilherme, uma povoação que em tempos esteve sob a jurisdição de Sernancelhe e que hoje pertence a Trancoso; mas viramos à direita, a caminho das Quintas. A paisagem é rústica, serpenteada por um riacho onde se vislumbra um





antigo moinho. As mós estão ao lado do imóvel, como que descansando da azáfama de outros tempos. Ao longo da estrada há pequenos rebanhos guardados por pastores. Do lado direito da estrada, as habitações espalham-se pela encosta íngreme da serra, formando pequenos aglomerados, como a **Quinta de Paulo Lopes**, a **Quinta dos Pisões** e a **Quinta do Espírito Santo**.

Entramos no coração da serra e vamos até **Tabosa da Cunha**. Situa-se na encosta do Monte Pereiro e é caracterizada pelo relevo acentuado das suas ruas. Por uma dessas artérias buscamos o alto da serra. O mesmo alto onde se desenha a linha tortuosa e sombria do cume do Pereiro. O ponto em que o horizonte é o limite para a contemplação. A

guardar este local está a solitária capelinha de Santo Estêvão, com festa no dia seguinte ao dia de Natal. A povoação homenageia, no dia 13 de Junho, o Santo António, o seu padroeiro, com festa rija.

Invertemos a marcha, percorrendo alguns metros, e descobrimos **Arnas**. Circundada de pedregosos cerros, com um riacho quase imperceptível a atravessá-la, Arnas é terra de história e monumentos, como testemunha o **Castro de Murganho** e a igreja seiscentista, dedicada a **Nossa Senhora da Conceição**, que se levanta no cimo da aldeia. O tecto impressiona por causa da pintura







com uma invulgar iconografia: um dragão é ferido com um raio de fogo, que lhe é atirado por um menino, e estrebucha de sofrimento. Para sarar o sofrimento das vistas e maleitas diversas, a população acredita na água que brota do rochedo contíguo à Capela de S. Pedro, à Conquinha. Nunca seca este nascente misterioso, em que a água passa de covinha em covinha em ritmo sincronizado. Tão misterioso como a **Lapa da Moira**, um gigantesco abrigo natural que os pastores utilizavam quando havia temporal. A vista a partir deste ponto é fantástica. A Serra revela as entranhas, o colorido do rosmaninho e da bela-luz



transformam-se em aroma e as pedras formam um cenário mais parecendo ovelhas a pastar! Impo- nente e misteriosa é a **Coluna**, plan- tada junto à capela de S. João, que parece homenagear o arrojo dos homens que ousaram erguê-la e aqueles que por aqui enfrentam o frio dos rigorosos Invernos.







**Cunha** é o destino que se segue. Definida como aldeia típica de serra, destaca-se pelo casario de traça humilde, mas admirável, construído com granito da região. Recortadas em plena serra do Pereiro, as habitações encaixam harmoniosamente na encosta e enriquecem uma zona muito produtiva e fértil, formada pelas colinas de Santo Estêvão a norte, Coitada a nascente, Cabeço do Rol-

dão e Queimadas a sul. A paisagem, preñhe de soutos de castanheiros e eiras com palheiros, alguns pombais, denota a presença do homem e a sua acção na freguesia de Cunha.

A **Igreja Matriz de S. Fecundo**, erguida bem no centro da povoação, ostenta talha do século XVIII e duas pinturas sobre tábua representando S. Francisco e Sto. António. O retá-







bulo maneirista da capela de S. João Baptista é uma preciosidade, assim como as tábuas pintadas com S. Francisco e Sta. Catarina. As capelas de Santo Amaro e Santo Antão atraem muitos romeiros à aldeia, para pagamento de promessas. O **Solar dos Amados**, com uma bela capela dedicada a Nossa Senhora, encerra todo o historial de uma das famílias nobres da terra. A época medieval também está bem representada, com várias **sepulturas antropomórficas** encon-

tradas no Chão das Vinhas e na Tapada do Poço. Uma paisagem asfixiante de enormes penedos envolve a aldeia. É com este cenário, quase surreal, que nos despedimos de Cunha.

Com a companhia silenciosa do Rio Távora, que caminha compassadamente desde Trancoso, margeando a E. N. 226, seguimos até **Ponte do Abade**. Nesta povoação, anexa da freguesia de Sernancelhe, é a **ponte românica** que une e que separa tudo. Une a povoação e os







habitantes, mas ergue uma fronteira administrativa que redundará na pertença a duas freguesias, dois concelhos, dois distritos, duas paróquias, duas dioceses... tudo por causa do rio atravessar a aldeia, tudo por causa da ponte de dois arcos levantada sobre o Távora! Do património religioso consta a capela dedicada a **Senhora do Amparo**, uma construção recente, mas que é motivo de grande movimentação religiosa. Porque Ponte do Abade é atravessada por uma estrada nacional, cedo se transformou em albergaria. A aldeia ficaria conhecida pelo seu requinte gastronómico, como é o caso do bacalhau à Ponte do Abade, regado com azeite da região e acompanhado pelo estaladiço pão, cozido nas padarias da terra. As migas de bacalhau ou a sopa da pedra trazem à memória a arte culinária de muitos filhos desta povoação. **Os peixinhos do rio** em molho de escabeche, assim como as trutas pescadas no Távora, também constam da ementa local.

**Mosteiro da Ribeira** é o último ponto de visita deste percurso pelas

encostas da Serra do Pereiro. Situada na margem direita do Távora, a povoação distribuiu-se pelo casario que nasceu à sombra do velho **Mosteiro**, construído no século XV, para frades de S. Francisco, e que, no século seguinte, passou para freiras da mesma ordem religiosa. O Mosteiro é o símbolo da povoação e um dos ícones do concelho de Sernancelhe, conhecido como “Terra de Mosteiros” devido ao número e importância das suas edificações. A **igreja** enriquece o conjunto e ostenta um belíssimo altar-mor de talha de finais do século XVII. No interior da cerca do Mosteiro há uma série de pequenas capelas, uma fonte de mergulho e um reservatório que permitia o abastecimento ao edifi-







cio e era usado para rega de culturas. Dizia Abade Vasco Moreira, no livro “Terras da Beira: Cernancelhe e Seu Alfoz”, a propósito de Mosteiro

da Ribeira: é um “Vale tão gracioso que só devia ser habitado, depois das monjas, pelos poetas”. Despedimo-nos de Mosteiro e partimos

